

Butinyà, J. + Cortijo, A. (eds.) *L'humanisme a la Corona d'Aragó (en el context hispànic i europeu)*. Maryland, Scripta Humanistica Publishing International, Potomac, 2011.

O Humanismo na Coroa de Aragão (no contexto hispânico e europeu) é o resultado de uma investigação de diversos especialistas que tratam, em seus artigos, do *Humanismo* nas letras catalãs a partir de uma perspectiva inovadora, qual seja, de entender o fenômeno humanista a partir das letras peninsulares e no contexto de sua difusão européia. A obra pretende ultrapassar a visão tradicional a respeito do conceito, que oscilou entre uma exacerbada afirmação do *Humanismo catalão* (primeira metade do século XX) e um revisionismo que, nas últimas décadas, veementemente o negou. Assim, com um olhar atento e criterioso sobre essa confusão conceitual, seus coordenadores, Julia Butinyà e Antonio Cortijo, elaboraram esta obra, que abrange os mais recentes enfoques do mundo acadêmico sobre este tema.

Os trabalhos desse grupo de renomados autores selecionados por Butinyà e Cortijo aprofundaram a análise, em diferentes perspectivas e sob uma orientação transversal e interdisciplinar, das características do *Humanismo*, evidenciadas em algumas obras de autores emblemáticos dos séculos XIV e XV pertencentes à tradição crítica da Literatura catalã. Portanto, o estudo proposto neste volume pretende resgatar os «pontos mais brilhantes» e peculiares que engendraram o *Humanismo catalão*, concebido como um fruto próprio e autêntico da Coroa catalão-aragonesa, a partir de um rico ambiente cultural que gerou uma grande produção latina e vernácula.

Após uma longa e bastante completa introdução dos coordenadores (págs. 05-60), a obra é dividida em cinco grandes blocos: 1) Periodizações, 2) Preocupação linguística, 3) Estudos recentes sobre o Humanismo hispânico, 4) Reflexões sobre o Humanismo e o Renascimento, e 5) Conclusão. No primeiro bloco, subdividido em duas partes (*Fase introdutória* e *Fase de acomodação*), a ênfase recai sobre duas obras, *Lo somni* (1399) e *Curial e Güelfa* (séc. XV), ambas, para a nossa satisfação, traduzidas pela primeira vez para o português em um trabalho de nossa autoria e supervisionado por IVITRA (Institut Virtual Internacional de Traducció — Universitat d'Alacant). São três artigos. Permita-me destacar um, bastante interessante, de autoria de José Ramón Areces («*Lo somni* o la reivindicació ontològica de l'home»), embora sua visão da filosofia de Ramon Llull (1232-1316) esteja um pouco influenciada pela corrente interpretista que apresenta o filósofo catalão como um «homem de diálogo», preocupado apenas em «reunir à cristandade toda a humanidade por meio da sabedoria cristã» (p. 84). Trata-se de uma visão equivocada, como já foi mostrado nos documentos lulianos sobre a Cruzada publicados pela editora Sétimo Selo.¹ Não obstante, o trabalho, como, de resto, todos os demais, é rico e bastante original, tanto na análise quanto nos estudos comparativos entre as obras abordadas de diferentes autores — como é o caso de «*Lo somni*, entre l'Àfrica i el *Secretum*», de Júlia Butinyà, e o artigo de Roxana Recio. Embora o texto «Escenes de seducció

¹ *Raimundo Lúlio e as Cruzadas*. Rio de Janeiro-Brasil. Site da Sétimo Selo: www.edsetimoselo.com.br

en el *Curial e Güelfa*. Una lectura des dels clàssics», de autoria de Sònia Gros, siga o formato tradicional de análise de um tema em uma obra, seu desenvolvimento é bastante original e erudito, pois estuda comparativamente a novela catalã com textos de Ovídio (43 a. C. - 18 d. C.).

O segundo bloco do livro aprofunda as questões linguísticas que os humanistas da Coroa de Aragão se viram envolvidos. Com sua interpretação filológico-histórica muito erudita, Antoni Ferrando aborda dois humanistas: Elio Antonio de Nebrija (1444-1522) e Jeroni Pau (c. 1458-1497), para desenvolver uma análise comparativa entre as gramáticas castelhana e catalã. Por sua vez, Roxana Recio altera o foco da análise do autor para o leitor, um pouco na linha interpretativa da *História da leitura* do historiador francês Roger Chartier (1945-). Júlia Butiñà, que assina nada menos que cinco textos no livro (dois a quatro mãos), contribui nesse *bloco lingüístico* com as opções humanísticas de traduzir de Bernat Metge (c. 1340-1413) e Antoni Canals (1352-1419), em um cruzamento analítico muito variado e erudito (*Tirant lo Blanch*, *Lo somni*, *Griselda*, *Familiarum rerum*, etc.).

Em seu terceiro bloco — Estudos recentes sobre o Humanismo hispânico — a obra traz as investigações de Ángel Gómez Moreno e Butiñà: o primeiro apresenta um estudo crítico (e bastante didático) sobre as linhas de força que nortearam a história cultural espanhola e, mais especificamente, dos aspectos humanísticos de sua Literatura. Por sua vez, Júlia Butiñà prossegue o fio condutor de Gómez Moreno e apresenta os clássicos humanistas que conhece tão bem — *Curial*, *Lo somni*, *Libre de Fortuna e Prudència*. O que seu texto perde em desenvolvimento cronológico (para os «não iniciados», diga-se de passagem), ganha em intertextualidade filológica. Sua erudição é notável e deve ser destacada, já que vivemos em um ambiente cultural nesse início de século em que a erudição, por vezes (e infelizmente), é considerada *démodé*...

O bloco «Reflexões sobre o Humanismo e o Renascimento» abre com um notável texto de Júlia Butiñà, um dos melhores do livro: «O Humanismo na Coroa catalã-aragonesa». Defende com vigor a proposta do livro, qual seja, que existiu, de fato, um humanismo catalão. Nesse sentido, trata-se do artigo nuclear do lançamento de SCRIPTA HUMANISTICA. Novamente Bernat Metge é um dos pontos de partida — não sem a recordação e o diálogo com Ramon Llull. Com seu entrelaçamento de obras literárias catalãs, Butiñà cria o que designa como *cruzamento de diálogos* (*encreuament de converses*, p. 314), o que, embora dificulte um pouco o acompanhamento do leitor médio, por sua elevação intelectual. O *humanismo catalão* passou, segundo a autora, por uma *evolução criativa*.

Por sua vez, Vicent Lledó retorna ao estudo de caso, e assim cria no encaideamento de leitura do livro o que o próprio Ramon Llull chamou de *elevação das coisas particulares às gerais e retorno das gerais às particulares*. Lledó analisa o *Manifiesto por una lengua común* (2008) e, para tanto, retorna ao século XVI para abordar dois textos, um escrito por Fadrique Furió Ceriol (1527-1592) e outro de autoria anônima. Seu texto sugere, pelo que entendi, a possibilidade da Espanha ser uma construção permanente, não uma essência estável. Como «prova», apresenta o fato de a nação espanhola ser um Estado plurilíngue. Para um estrangeiro como eu, isso não deixa de ser maravilhoso: em uma mesma disposição governamental, a coexistência de várias (e riquíssimas) culturas.

Mesmo que com tensões. Lledó considera a opção de a convivência paralela é a melhor opção (p. 342), assim como deve ser a relação metodológica entre o intelectual e o passado: uma colaboração analítica.

Este interessantíssimo livro, de olhares variados e multifacetados (mas que apresenta uma uniformidade propositiva e coerência temática bastante originais), inicia suas conclusões com três textos, também essencialmente interligados. Antoni Ferrando, Dominique de Courcelles e Vicent Martines reúnem os diferentes porém harmoniosos aspectos tratados pelos articulistas para criar uma Conclusão a seis mãos, se é que posso definir assim três artigos distintos. Um ponto que me toca particularmente é o valor das *Belles lettres* como fio condutor da verdadeira Literatura (repare, leitor: o adjetivo é meu. Ferrando é mais refinado e sutil!). Seus valores espirituais, tão esquecidos hoje, são belamente abordados na *dignificação do homem* que o filólogo valenciano desenvolve. O Amor sublima o processo humanista do mais que humano humanista. Fecham o círculo, como assinala Ferrando. A decadências das Letras hodiernas é tão triste que eu gostaria de ver Ferrando sublinhar isso mais enfaticamente. Mas isso é apenas um lamento do resenhista...

Dominique de Courcelles, de modo bastante pedagógico e enxuto, expõe as formas filológicas e artísticas da *consciência estatal* da Coroa de Aragão entre os séculos XIV e XVI. O tema é aparentemente perigoso. Mas só aparentemente, pois a autora, ao relacionar texto e imagem, desenvolve seu texto de modo belíssimo. Principia com o que considera como as *Preliminares* — com Gerardo Starnina (1354-1403) a serviço de Bonifácio Ferrer (1350-1417), relacionado com Bernat Metge. Desenvolve (e conclui) o tema realçando a importância do papel de Afonso V, o *Magnânimo* (1396-1458) e a *consciência cívica* (e não posso deixar de recordar aqui o belo livro de Quentim Skinner, *As fundações do pensamento político moderno*), bem como, para o entrecruzamento entre Literatura e Arte, da trilogia de Umberto Eco (*História da Beleza, da Feiúra, e A vertigem das listas*). Seja como for, de Courcelles apresenta um texto mais curto que os demais, porém não menos importante para o tema.

Vicent Martines é ainda mais didático e cronológico — e isso é um elogio, leitor! Nossos colegas andam esquecidos e brigados com a Cronologia! Como um desdobramento natural do texto de Dominique, somado ao desfecho de toda a obra (algo difícilíssimo de ser feito), além de insistir com Bernat Metge e Afonso V, Martines ainda traz um importante personagem desse processo literário-cultural que não poderia ser esquecido: Joan Fernández de Heredia (1310-1396). Seu texto fecha com um «dicionário» dos autores que se destacaram no máximo momento de produção *vital/cultural/intelectual* do período — ressalte-se o *vital*. Dezoito sumidades literárias. Conclui, em definitivo, com a importância dos clássicos para o germinar das civilizações, aliás, exatamente a sua proposta para uma conferência minha em sua bela universidade.²

² Costa, R. da (2012) «Los clásicos que hacen clásicos: la importancia de los clásicos y de la tradición clásica en la configuración del canon cultural medieval», *Cuadernos de Historia Universal UCR - UNA*, vol. I, t. 3. *Revista de Historia UCR — UNA*. Internet: <http://www.ricardocosta.com/artigo/los-clasicos-que-hacen-clasicos-la-importancia-de-los-clasicos-y-de-la-tradicion-clasica-en>

*

O Humanismo na Coroa de Aragão (no contexto hispânico e europeu) é uma das obras mais originais a respeito do tema que já foram publicadas recentemente. E isso diante de um tema tão recorrente na historiografia, tanto literária quanto propriamente histórica. Júlia Butinyà e Antonio Cortijo proporcionaram um trabalho não só inédito mas sobretudo corajoso, pois enfrentar as costumeiras *blietzkriegs* intelectuais que as correntes dos modismos (e das tradições) oferecem aos acadêmicos não é trabalho fácil. Exige erudição e *coragem*, aquela virtude que Aristóteles considerava necessária a todo o homem livre, cidadão. Talvez essa seja a virtude mais propriamente definidora desse lançamento: *coragem*. Parabéns aos articulistas, aos editores e aos organizadores. Talvez enfrentem a resistência dos tradicionalistas. Provável. Mas não importa. O que fica, no final das contas, é a capacidade e a liberdade com que o intelectual enfrenta velhas questões diante dos textos. O intelecto frente à palavra passada registrada. Repetir os costumeiros chavões interpretativos é fácil, um trabalho menor. Em contrapartida, propor novas leituras é ousado. Uma vez mais, as terras catalã-aragonesas oferecem um interessante diálogo cultural. À altura do velho Ramon Llull.

Ricardo da Costa³
ricardo@ricardocosta.com

³ Medievalista da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). *Acadêmico correspondente da Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*. Site: www.ricardocosta.com